

HISTÓRIA DO ESPORTE E DA VIOLÊNCIA EM PIRACICABA-SP: DE VOLTA A 1913

José Luís Simões
Universidade Metodista de Piracicaba/CNPQ

Introdução

O objetivo deste trabalho é levantar e analisar acontecimentos relatados pela imprensa escrita, no ano de 1913, que foquem o desenvolvimento do esporte e as manifestações de violência física mais comuns ocorridas na cidade de Piracicaba-SP. Para tanto, utilizaremos o *Jornal de Piracicaba*.

O ano de 1913 é referência, pois, no dia 15 de novembro de 1913 foi fundado o Esporte Clube XV de Novembro. Certamente, foi o primeiro acontecimento relevante na História do esporte em Piracicaba. O “XV de Novembro” é fruto da fusão de dois times, o 12 de Outubro e o Vergueirense; clubes de influência das famílias Guerini e Pousas, respectivamente. Já, em 1914, o XV de Novembro conquistou o seu primeiro título, vencendo o campeonato local.

Em 1947, o XV de Novembro aliou-se a outros clubes do interior paulista para iniciar o profissionalismo no interior. Entre as equipes que se aliaram ao XV de Novembro para realização desse campeonato de envergadura estadual, estão: Guarani, Ponte Preta, Palmeiras de Franca e Comercial de Ribeirão Preto. Nesse primeiro campeonato o XV de Novembro sagrou-se vencedor.

Embora o eixo central da discussão tenha como o foco o ano de 1913, é possível admoestar que durante as primeiras duas décadas do século XX havia uma crescente demanda por opções de lazer e entretenimento. Apesar da existência, ainda no limiar do século, de clubes de lazer e entretenimento como o Sport Piracicabano, a Sociedade Recreativa Operária e o Clube de Regatas, esse tipo de lazer e passatempo atendia uma parcela muito ínfima da cidade. Era um “privilégio” da elite piracicabana estabelecida.

Além disso, a prática esportiva não recebia destaque no rol das atividades desenvolvidas nesses clubes. Todavia, a existência deles era motivo de orgulho e destaque na imprensa. O simples boato de que o primeiro clube esportivo e de lazer estava para ser fundado na cidade mereceu destaque de primeira página:

Chega-nos aos ouvidos, sob a forma misteriosa, vaga e indecisa de simples boato, uma novidade, que pela sua importância, não nos podemos furtar a tentação de trazê-la para este balão.

Cogita-se, ao que ouvimos, da fundação nesta cidade, de um centro recreativo onde se possa, em família, trocar idéias, fazer um pouco de música, de literatura, dançar e até discutir a melhor maneira de manipular-se o creme de laranja e a marmelada branca etc.¹

Mais adiante, o jornal registra que “se há um lugar, onde as diversões escasseiem de um modo assustador, é este”.² Há diversas matérias e até mesmo editoriais publicados no *Jornal de*

Piracicaba, nos primeiros anos do século XX, que mostram a resignação da cidade (ou seria da elite?) pela ausência de oportunidades de lazer e entretenimento.

Curiosamente e coincidentemente ou não, há vários registros noticiados de que muitas pessoas eram levadas pela polícia, acusadas de “vagabundagem”. Nos noticiários que registravam atos de roubos, assassinatos, brigas, vandalismo, desordem etc, os protagonistas invariavelmente eram indivíduos descendentes da etnia africana, herdeiros do longo período da economia escravista por que passou o Brasil. Assim, pretendo apresentar e discutir questões que sirvam de pilar para a seguinte idéia: numa perspectiva histórica de longa duração, os negros migraram das notícias policiais para as páginas esportivas dos jornais.

O Desenvolvimento Urbano e o Surgimento do Esporte

Ricardo Lucena, abordando o surgimento do esporte na cidade de Vitória-ES, assim se refere com relação aos primeiros clubes:

*Os clubes, ainda, caracterizam-se como uma configuração que nos permite aferir melhor o grau de envolvimento que se estabelecia nos centros urbanos. Não mais a família como único, ou quase exclusivo núcleo de interação social, mas agora, como uma relação que se amplia e se baseia numa prática social que é fruto de um processo de diferenciação crescente. Assim é que os clubes, de certa forma, demonstram o grau de diversidade que passa a compor o ambiente urbano e o plano das relações inter-pessoais.*³

Lucena aponta que os clubes constituem uma configuração social mais ampla, que transcende as relações familiares, representando, portanto, um núcleo de interação social maior, estabelecendo relações sociais mais complexas. Esse autor consegue associar o histórico do desenvolvimento da cidade com o surgimento dos clubes e do esporte.

Nesse cenário em que o desenvolvimento urbano é associado ao surgimento dos clubes e do esporte pretendo inserir a temática da violência, não apenas para buscar conexões entre os temas, mas, principalmente, para apresentar a hipótese de que os negros foram paulatinamente abolidos e conquistaram espaço na sociedade na medida em que conseguiram migrar dos noticiários de violência para os esportivos. Nesse sentido, a participação dos negros nos acontecimentos esportivos tornou-se uma das primeiras etapas no longo processo de inserção social da etnia africana no Brasil.

Há ainda o aspecto da linguagem utilizada pelo jornal. Essa linguagem fortalecia o estigma que existia em relação aos negros, ao mesmo tempo em que prestigiava, com retórica, os “cavalheiros” que freqüentavam os clubes. Vejamos uma das principais notícias do Jornal de Piracicaba, de 05 de janeiro de 1913:

Magnificamente instalado na parte superior do predio ocupado por esta folha, o Sport Piracicabano vai indo de vento em popa, dia a dia aumentando o numero já grande de seus habitues. Hontem, apesar do tempo chuvoso, tivemos ensejo de

*verificar esse facto, encontrando alli, preocupados em jogos lícitos e tomando refrescos, innumeros cavalheiros...*⁴

Esta informação pode ser capciosa na medida em que enfatiza que os cavalheiros presentes ao clube estavam “*preocupados em jogos lícitos e tomando refrescos*”. Qual o sentido desta informação? Por quê o jornal deveria informar que essas pessoas participavam de jogos “lícitos” e tomavam “refrescos”? Seria uma maneira de reforçar o código de conduta moral desses cavalheiros ou simplesmente uma técnica de linguagem utilizada à época? Sem dúvida, para entender melhor o contexto social dessa época se faz necessário perscrutar essas questões.

Tendo em vista as fontes consultadas, podemos admitir que Piracicaba do início do século XX buscava, com emergência, alternativas de proporcionar à população melhores condições para os momentos de ócio. A frequência aos clubes não era privilégio de toda população. Havia uma parcela significativa da comunidade que não tinha condições de fazer parte desse *establishment*⁵, já que a filiação a qualquer clube exigiria, além da aprovação pelos conselhos deliberativos, o pagamento de taxas para utilização. Há vários indícios de que os “pretos”⁶ não faziam parte desse *establishment*. Contudo, os “pretos” também estavam nos noticiários do matutino, todavia, quase sempre associados às manifestações de violência (roubos, assassinatos, brigas etc).

No dia de sua fundação, não houve notícia a respeito do Esporte Clube XV de Novembro. Contudo, no dia seguinte, há a primeira notícia sobre a equipe: “*Realisa-se hoje às 4 e meia horas da tarde, no campo do Sport Recreio Normalista, um match de foot-ball entre o 1º team deste club com o 1º team do Club 15 de Novembro. Os teams acham-se assim organizados...*”⁷ Em seguida, a nota do jornal expõe a escalação das equipes que se enfrentariam. É claro que havia outras equipes de futebol; todas associadas a um dos clubes da cidade, contudo, eram equipes que não conseguiram a mesma expressão do XV de Novembro e não alcançaram o profissionalismo, algo que faz parte da história deste. O Esporte Clube XV de Novembro foi, paulatina e naturalmente, se tornando o time da cidade.

Piracicaba ia se construindo enquanto uma cidade moderna, urbana, tendo como uma das conseqüências desse processo o fomento à prática esportiva, particularmente o estímulo ao futebol. Mascarenhas de Jesus reforça esta idéia ao registrar que o futebol “*somente se incorporou efetivamente ao cotidiano urbano nos locais que preenchiem determinados requisitos, que conformavam um ambiente que pretendemos denominar, apesar da forçosa simplificação, de ‘modernidade urbana’*”.⁸

A consolidação de uma equipe de futebol, neste caso, o Esporte Clube XV de Novembro, quando consegue ganhar a característica de representante de sua comunidade ao participar de disputas com outras equipes, pode fazer parte no processo de construção da auto-imagem dos

indivíduos, ou seja, na construção de uma identidade própria, indicando, ainda, o início de uma sociedade mais complexa, como registra Gebara:

*...tal como o trabalho na sociedade industrial, o esporte só se organiza e estrutura, quando encontra mecanismos universais que permitam dimensioná-lo produtivamente, construindo performances e espetáculos eficientemente ‘jogados’.*⁹

Então, podemos inferir que tanto a análise de Gebara quanto a de Mascarenhas de Jesus confluem no que tange à emergência da organização do esporte/futebol nas cidades. Nas cidades a organização esportiva cresce concomitantemente à organização da própria sociedade industrializada. A emergência do esporte sistematicamente organizado e profissionalizado é uma característica dos tempos modernos. Se tivermos como parâmetro o retorno da realização das Olimpíadas (a partir de 1896, em Atenas), poderíamos inferir até mesmo que o esporte, tal como conhecemos e concebemos atualmente, é um fenômeno que emerge no século XX..

A “herança da escravidão” e a violência precedem ao surgimento do esporte

Se o primeiro fato esportivo de maior importância surgira em Piracicaba no final de 1913, o mesmo não podemos dizer em relação às manifestações de violência. Numa época em que duelos eram agendados por intermédio de notas nos jornais, vagabundagem e roubo de galinhas ganhavam espaço na imprensa local, as manifestações de crimes contra o patrimônio, brigas e outros atos de violência física eram fartamente noticiados desde há muito tempo. A primeira edição do Jornal de Piracicaba relata a visita da reportagem à cadeia pública, destacando o número de pessoas recolhidas no mês anterior e o número de “*sentenciados por crime de homicídio*” que estavam cumprindo pena.¹⁰

“*Foi hontem preso e recolhido à cadeia pública desta cidade, por haver espancado sua amazia Anna de tal, o turco Zacharias Abrahão.*”¹¹ Esta informação, logo na primeira semana de circulação do jornal na cidade, tornar-se-ia cotidiana por vários anos. Destaco-a, não apenas pelo registro de uma manifestação de violência, mas também porque simboliza a emergência de uma cidade circunscrita num país que vivia o início de um processo de formação de sua identidade enquanto nação. Pelo menos para a imprensa, não havia o “cidadão brasileiro”. Nos registros de óbitos, nascimentos e pessoas que eram recolhidas ao xadrez, o jornal se referia como o “italiano”, ou o “filho dos pretos”, ou ainda, os “espanhóis”. No caso dos negros, por exemplo, quando registrava uma ocorrência de invasão à domicílio, o jornal assim descrevia:

Preto Ousado – *Ante-hontem, mais ou menos às 10 horas da noite, um preto, que na polícia declarou se chamar Gregorio Mendes, tentou penetrar na casa da residência do sr. Manoel Prates, gerente das oficinas do “Jornal”, à rua Alfs. José Caetano. Tendo a Sra. do Sr. Manoel, que se achava só, gritado por socorro, acudiu um vizinho o Sr. José Ignacio Pereira no momento em que o preto se evadia.*¹²

Nesta notícia, o adjetivo “preto”, que estigmatizava os “herdeiros da escravidão” é substantivado com o acréscimo do adjetivo “ousado”, destacando negativamente a ação desse indivíduo. O critério para a escolha dessa notícia, assim como a titulação que lhe é conferida, possivelmente não seja de interesse público, mas, especificamente, de interesse dos grupos que se julgavam superiores (os estabelecidos).

Elias e Scotson, na obra *Os Estabelecidos e os Outsiders*, destacaram que “vez por outra podemos observar que os membros dos grupos mais poderosos que outros grupos interdependentes se pensam a si mesmos (se auto-representam) como humanamente superiores.”¹³

Os negros eram os principais atores nas notícias policiais. O diferencial de poder entre a elite freqüentadora dos clubes e que era tratada pelo jornal com adjetivos nobres e honrosos (como, por exemplo, “respeitável Dr.”, “notabilíssimo cavalheiro” etc.) e os negros (recém- libertados da escravidão) ficava evidenciado nas páginas dos jornais. Elias e Scotson observam que em casos de opressão e diferenciais de poder muito grandes, “os grupos outsiders são comumente tidos sujos e quase inumanos”.¹⁴ O comportamento de alguns herdeiros da escravidão, envolvendo-se em brigas, roubos e “vagabundagem” reforçava o estigma que lhes era atribuído, ou talvez, como sugerem os autores: “dê-se a um grupo uma reputação ruim e é provável que ele corresponda a essa expectativa”.¹⁵

Talvez, não apenas por expressar uma forma de violência, mas, possivelmente, por tratar-se também de uma atitude de descontrole do comportamento dito “civilizado” que partira de indivíduos negros, o Jornal de Piracicaba publicou uma notícia de primeira página relatando uma briga entre “pretos”. Vejamos:

Briga Entre Pretos – Dois Tiros de Revolver por Motivos Fúteis - Em uma casa da rua Silva Jardim, desta cidade, na noite de Sábado último se realizava um baile, com o qual o dono da casa, o preto Tetuliano de tal, festejava o casamento de seu cunhado. Em dado momento pouco depois da meia noite alli apareceram Cornelio Pedro Ramos e José Bahiano que, embora sem convite começaram a se divertir também. Devido a uma questão qualquer o mestre sala ordenou aos presentes que não haviam recebido convite para o baile, que se retirassem. Saíram então da casa Cornelio, seu companheiro Bahiano e preto de 18 anos, Lazaro de Mattos. Uma vez na rua, Lazaro atribuindo a Cornelio a culpa da expulsão de todos elles da sala, perguntou-lhe si queria apanhar. Deante das insistencia de Lazaro, Cornelio respondeu que aceitava o desafio para uma briga, recebendo ao acabar de pronunciar essa palavra dois tiros desfechados por Lazaro. Um dos projecteis atingiu a victima do lado esquerdo do peito. Avisada a policia, esta compareceu fazendo remover o ferido em estado grave para a Santa Casa de Misericórdia, onde foi medicado pelo dr. João Olavo do Canto. O agressor foi preso, sendo recolhido ao xadrez.¹⁶

Por quê uma briga “por motivos fúteis” deveria ganhar destaque na principal página do jornal? Se os motivos da briga eram “fúteis”, qual o interesse em destacar publicamente o

acontecimento? Seria o reforço do estigma de que os “pretos” se manifestam agressivamente mesmo por motivos “fúteis”?

A utilidade desta notícia ancora-se no processo de desqualificação da etnia negra que, junto com os “baianos”, “pardos” etc, são estigmatizados e diferenciados no contexto das relações sociais. Além da condição social e econômica desse grupo, “*o sinal físico serve de símbolo tangível da pretensa anomia (...) de seu valor humano inferior, de sua maldade intrínseca...*”¹⁷

Os protagonistas do noticiário de violência: quando não é “preto”, é “pardo”...

Em 1913, o que era noticiado sob forma de violência e desregramento social possivelmente não teria destaque na imprensa atual, afinal, o desenvolvimento da sociedade comportou em si mudanças, tanto no código de conduta social quanto na forma da imprensa encarar e destacar os acontecimentos. Por exemplo, o ato de promover “desordem” era muito noticiado pela imprensa.

“*Desordeiros – Foi hontem preso, na Villa Rezende pelo inspector de quarteirão sr. Miguel Taela, o pardo Sebastião Fidelis, que promovia desordem.*”¹⁸ Tanto nesta quanto noutras notícias que registravam práticas de “desordem”, não havia descrição desse tipo de comportamento. Os indivíduos eram presos por “desordem”, mas, de fato, não era noticiado o que eles faziam a ponto de serem recolhidos ao xadrez. O que era “desordem” em 1913? Por quê aqueles que promoviam “desordem”, quase sempre, eram os “pretos”, os “pardos” ou os “ciganos”, conforme identificado nos noticiários da época? São questões que merecem um enfoque específico, certamente, uma outra pesquisa.

Na cidade, de acordo com os noticiários, a marginalidade e os atos de violência associavam-se à presença dos ex-escravos, índios, e seus descendentes. Vejamos uma notícia, qualificada pelo jornal como “crime horroroso” envolvendo dois indivíduos, um “preto” e outro “pardo”:

Crime Horroroso – no bairro do Campestre por causa de 1\$000 – No bairro do Campestre, situado a pouco mais de uma légua desta cidade, desenrolou-se sabbado último, às 7 horas da noite, um horripilante crime, de que foi protagonista o pardo Marcellino Theodoro da Silva, colono de uma fazenda das imediações e victima o preto Victorino Ovidio.

Numa venda existente à beira da estrada, divertiam-se esses indivíduos jogando cartas e tomando ‘vinho branco’, em companhia de outros. Em certo momento, Marcellino exigiu que Victorino lhe pagasse a quantia de 1\$000 o que este se recusou.

*Exasperando-se Marcellino, dando mostras de um instinto sanguinário, saca de uma faca, avança contra o seu contendor, abraça-se com este e vibra-lhe dose facadas.*¹⁹

Se analisássemos apressadamente os noticiários de 1913, certamente teríamos a impressão de que, enquanto os “senhores” da “boa sociedade” piracicabana freqüentavam os clubes distraíndo-se em “jogos lícitos e tomando refrescos”, os descendentes da etnia africana, os “herdeiros da escravidão”, abolidos em 1888, compunham a fatia desregrada, desordeira e violenta, do tecido

social da época. A imprensa de 1913 lhes dedicava espaço social nos noticiários de violência; o estigma desse grupo ia além da denominação via cor da pele, eram estigmatizados pelo envolvimento em atos que contrariavam os paradigmas de comportamento social aceitos à época.

Considerações Finais

Notadamente, a etnia africana e seus descendentes compunham o principal grupo de *outsiders* dessa época, na medida em que sofriam discriminação e preconceito, pois quase sempre estavam associados aos atos de vandalismo, vagabundagem e marginalidade.

A linguagem jornalística da época reforçava o estigma de inferioridade atribuído aos “herdeiros da escravidão”: uma pessoa com grau superior de ensino era “doutor”; um político prestigiado era tratado de “nobre” ou “respeitadíssimo doutor”; qualquer pessoa que pertencesse a uma “boa família” era denominada como “cavalheiro”, “senhorita” ou “senhora”; desempregados e pessoas que praticavam algum furto, eram presas ou fugitivas eram tratados de “indivíduo”; os negros, em qualquer situação, eram designados como “pretos”.

Há razões substanciais para chegarmos a conclusões, mesmo que provisórias, a respeito do processo de inserção ou aceitação social dos negros, por intermédio da prática esportiva. Embora o desenvolvimento do fenômeno esportivo (na concepção moderna do termo) seja mais recente do que a abolição da escravatura no país, somente a partir do momento em que os negros se transferem dos noticiários de violência para as páginas esportivas, inicia-se um processo de inclusão desse segmento na cultura nacional. Nesse sentido, o esporte surgiu como um dos principais caminhos para a assimilação da etnia africana na formação da identidade nacional. Todavia, sabemos da lentidão e do caráter processual desse fenômeno que, embora ainda apresente aspectos da sociedade escravocrata de até fins do século XIX no Brasil, é um movimento dinâmico, com maior equilíbrio de poder, possivelmente, inerente ao que Norbert Elias denominou de processo civilizador.

Bibliografia

- ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador* (2 vols.). Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1990.
- ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. *Os Estabelecidos e os Outsiders*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1994.
- GEBARA, Ademir. *Educação Física e Esportes: Perspectivas para o Século XXI*, In: Anais do VII Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança. Gramado, 2000, pp. 119-22.
- JESUS, Gilmar Mascarenhas de. *Os Esportes e a Modernidade Urbana: Um advento do Futebol no Brasil*, In: Anais do V Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física, 1997, pp. 187-92

LUCENA, Ricardo. *Uma Cidade em Vitória: Notas para um Estudo do Esporte na Cidade, In: Anais do VII Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança, 2000, pp. 278-83.*

Edições do *Jornal de Piracicaba* Utilizadas:

05 de agosto de 1900.

07 de agosto de 1900.

26 de agosto de 1900.

05 de janeiro de 1913.

01 de abril de 1913.

16 de novembro de 1913.

25 de novembro de 1913.

16 de dezembro de 1913.

¹ Notícia registrada na capa do *Jornal de Piracicaba*, sob o título “Balões de Ensaio”, 26 de agosto de 1900.

² *Ibidem*.

³ Ricardo Lucena, *Uma Cidade em Vitória: Notas para um Estudo do Esporte na Cidade, In: Anais do VII Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança, 2000, pp. 278-83.*

⁴ Notícia registrada na capa do *Jornal de Piracicaba*, 05 de janeiro de 1913.

⁵ Utilizo aqui o conceito de *stablishment* que, para maior aprofundamento, pode ser estudado a partir da obra de Norbert Elias e John L. Scotson, *Os Estabelecidos e os Outsiders*, 1994.

⁶ A maioria das reportagens do *Jornal de Piracicaba* do início do século XX denominavam os indivíduos descendentes da etnia africana como “pretos”.

⁷ *Jornal de Piracicaba*, 16 de novembro de 1913.

⁸ Gilmar Mascarenhas de Jesus, *Os Esportes e a Modernidade Urbana: Um Advento do Futebol no Brasil, In: Anais do V Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física, 1997, p. 189.*

⁹ Ademir Gebara, *Educação Física e Esportes: Perspectivas para o Século XXI, In: Anais do VII Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança, 2000, p. 120.*

¹⁰ *Jornal de Piracicaba*, 05 de agosto de 1900.

¹¹ *Jornal de Piracicaba*, 07 de agosto de 1900.

¹² *Jornal de Piracicaba*, 01 de abril de 1913.

¹³ Norbert Elias e John L. Scotson, *Os Estabelecidos e os Outsiders*, p. 19.

¹⁴ Norbert Elias e John L. Scotson, *Os Estabelecidos e os Outsiders*, p. 29.

¹⁵ Norbert Elias e John L. Scotson, *Os Estabelecidos e os Outsiders*, p. 30.

¹⁶ Matéria de primeira página do *Jornal de Piracicaba*, 25 de novembro de 1913.

¹⁷ Norbert Elias e John L. Scotson, *Os Estabelecidos e os Outsiders*, p. 36.

¹⁸ *Jornal de Piracicaba*, 16 de dezembro de 1913.

¹⁹ Matéria de primeira página do *Jornal de Piracicaba*, 25 de novembro de 1913.